



Título: As borboletas são assim

Autor: Tatiane de Oliveira Gonçalves

Número de páginas: 82

ISBN: 978-85-907251-0-7

Assunto: Contos

Ano: 2007

Número da edição: 1ª edição

Formato: 14x21

Preço: R\$ 20,00

Áreas de interesse: literatura, contos, literatura fantástica.

EM BUSCA DE UMA REALIDADE MAIS REAL

Tatiane de Oliveira Gonçalves, jovem escritora que agora edita seu primeiro livro, poetisa inédita ainda, apresenta-nos em sua estréia 18 contos de visão de mundo extremamente curiosa. Mais que curiosa, singular. A maioria deles beira o surreal e o fantástico, muitos mergulham no cotidiano, na vida comum – digamos assim – e ali irrompe o insólito ou, ainda, relatos em que a dita “vida normal” revela-se fantasmagórica, povoada de seres de fronteira.

No pensamento de Antonio Cândido sobre a natureza da literatura – na ficção se situa o aparente paradoxo de dar forma à fantasia, a fim de compreender melhor a realidade. Sendo criação da fantasia, a narrativa comunica a impressão da mais legítima verdade existencial.

A narrativa de Tatiane não se constitui em outro espaço nem em outro mundo – o que acontece é uma alteração no que se estabeleceu como normal e constituído. Há uma oscilação de alguma certeza, tornando tênues as linhas que dividem os dois planos: o real e o fantástico, mundos paralelos a se interseccionarem.

Seus escritos criam o efeito de surpresa, de dúvida, de estranhamento, de aversão e até mesmo de encantamento.

À surpresa de “Saindo da rotina”, em que a personagem se defronta com o inesperado e muda sua maneira de enxergar seu dia-a-dia, seguem-se relatos como o do fim trágico de uma vida vazia (“Uma mulher”); o modo enigmático do desfecho no conto “Romances modernos”; a metamorfose sentida pela personagem de “Revirando”; a perplexidade da criança diante de um mundo alarmante revelado justamente pela mãe em “Meninice”, a infância bruscamente interrompida; a transformação de elementos do universo em pessoas – como em “Lua Lagoana”; de animais em seres pensantes (“Memórias do cão Isidoro”), enfim, todos os contos extrapolam os limites da realidade considerada como objetiva.

Nas histórias de Tatiane, há uma quase imperceptível linha, dividindo a normalidade do não natural, ainda que não consigamos distinguir com precisão o que é real do que é irreal. Mas sempre com o traço do estranho imerso no cotidiano, que apenas o narrador vê.

Em “Receita fúnebre” o defunto narra suas queixas sobre o que pretendia para seu enterro, e o modo como foi contrariado, dentro de uma atmosfera de perfeita normalidade na breve autobiografia que constrói para si à medida que narra. A causa de sua morte – um choque elétrico numa geladeira desligada – fica em suspenso.

Mesmo porque, no epílogo, declara: “Enfim, pouco importa. Vou. Sem dor e sem rancor. Não sei porque vim. Não sei para onde vou. Só sei que vim num dia qualquer e num dia qualquer estou indo.”.

Os limites entre o que é considerado normal e a loucura colaboram com a estranheza da coletânea como um todo e criam a ambigüidade que percorre todos os escritos. A protagonista responde à filha em “Vizinhança”: “- Ah, eles são muito caretas, bambina!... Só percebem pessoas de carne e osso, coitados! Gente limitada!”.

Na reflexão mesma da personagem se instala o insólito das soluções: “Já que não consigo caber em mim, transbordo como um copo pequeno e tudo resolvo”, pensa Mércia em “O segredo”, em que também é discutida a questão da loucura vs. normalidade.

É como diz o narrador sobre Osvaldo, personagem de “O contador de histórias”: “O que mais me intriga é que o Osvaldo tem histórias para contar todos os dias. Penso que acredita nelas. Mesmo porque, tudo pode acontecer nesta vida de meu Deus.”.

Todavia, em contos como “Um homem no tempo”, as circunstâncias são, desde o início, situadas fora desta “vida de meu Deus”. Porém, ainda aqui, Tatiane demonstra

os caprichos da imaginação sob a aparência da mais absoluta normalidade.

Assim é que o livro de estréia da jovem escritora demonstra não apenas o seu talento para a ficção, mas para o riquíssimo veio da narrativa fantástica.

Maria da Conceição Paranhos

©Tatiane de de Oliveira Gonçalves, 2007

CAPA
Cinthia de Oliveira Gonçalves

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Empresa Gráfica da Bahia

NORMALIZAÇÃO BIBLIOGRÁFICA
Ismênia da Silva Pinheiro

Gon635 Gonçalves, Tatiane de Oliveira (1977-).
As borboletas são assim / Tatiane de Oliveira
Gonçalves. - Salvador: As borboletas, 2007.
82 p. il.

ISBN 978-85-907251-0-7

1. Literatura brasileira - ficção - contos. I. Título.

CDU 82-34

www.asborboletas.com
tatiane@asborboletas.com

SUMÁRIO

Saindo da rotina.....	8
Uma mulher.....	11
Romances modernos.....	15
Revirando.....	19
Meninice.....	21
No ônibus.....	27
Lua Lagoana.....	32
Joana e o Mar.....	33
Receita fúnebre.....	40
Vizinhança.....	47
Não vai jantar agora?.....	52
Memórias do cão Isidoro.....	58
O contador de histórias.....	62
Os carimbos de Aurélia.....	67
Um homem no tempo.....	72
Carta para amanhã bem tarde.....	75
O jantar.....	78
O segredo.....	83

Saindo da rotina

Cantarolava baixinho todas as manhãs no ônibus a caminho da escola. A mãe tinha procurado vaga na escola do bairro, mas as vagas estavam preenchidas. Teve de estudar em outra mais distante.

Ela não se importava. Acordava bem cedinho, tomava seu banho e vestia a velha calça surrada que ganhara de uma ex-patroa de sua mãe. Passava bastante creme no cabelo. Sua vaidade já apontava, e seus quatorze anos mexiam-lhe no corpo.

Tomava seu café preto com pão e margarina e saía cantarolando. Chegava à escola cinquenta minutos depois. Não se atrasava e fazia todos os deveres. Era extremamente esforçada e inteligente.

Sua infância cheia de privações não a tornou rebelde nem lhe tirou a ingenuidade.

Sua mãe costumava prevenir para não falar com estranhos e tampouco aceitar coisas de desconhecidos.

Certa vez, viu uma velhinha passar mal no ponto de ônibus. Ninguém ajudava a pobre senhora. Aproximou-se e amparou a cabeça da doente para que não batesse no chão. Quando a crise passou, a senhora começou a chorar convulsivamente. A pequena menina nada entendia. Chegou a perguntar pela filha senhora enferma. Ela apenas chorava. Após algum tempo, a velhinha ergueu-se dizendo que estava tudo bem. Partiu sem dizer mais nada. Não agradeceu.

A menina já estava bem atrasada para a aula e resolveu não ir para a escola naquele dia. Começou, então, a caminhar sem rumo naquela manhã quente. Chegou a uma praça, onde havia barracas de artesanato. Olhava tudo enquanto caminhava. Encantou-se com diversos adereços. Sua incipiente vaidade prendia-lhe a vista nos acessórios que não podia ter. As vitrines coloridas luziam seus desejos de menina-moça.

Após cortar toda a praça, avistou a avenida Nossa Senhora de Copacabana. Uma aglomeração denunciava que algo havia acontecido.

A menina aproximou-se com curiosidade e observou uma moça que chorava enquanto contava a estória.

Tinha ajudado uma velhinha que tivera uma crise epilética na calçada. Quando a senhora melhorou da crise, chorou alguns instantes, sacou uma arma calibre trinta e oito e levou correndo a bolsa da moça, que acabara de retirar o seguro desemprego.

A menina entendeu tudo e resolveu voltar para a sua casa.

A nova escola pareceu-lhe interessante.

Uma mulher

As luzes da cidade pouco a pouco acendiam e ela caminhava a passos apertados olhando o mar.

Sua vida era agitada entre a balada e a rotina. Seu dia começava às onze. Comia seus grelhados enfeitados com saladas multicores e ia direto para o celular de última geração falar sobre a noite anterior e combinar a posterior.

Nunca precisou preocupar-se com dinheiro nem em como ganhá-lo. Sua herança e nome garantiam-lhe o conforto e as extravagâncias.

Usava roupas e acessórios exclusivos de grifes internacionais, ditados pelas últimas tendências da alta costura. Possuía cartões de crédito sem limites, uma rica mesada na conta bancária, além do Mercedes blindado com motorista, o que lhe conferia segurança quando ia para a *night* curtir com os amigos.

Crescera assim, independente. Sempre teve o que quis e quando quis. Tudo fora fácil em sua vida.

Passou no vestibular na faculdade mais cara da metrópole onde morava. Cursou educação física até o segundo semestre, mas desistiu: não tinha certeza se era o que queria.

Todos os dias ela ia à academia cuidar da escultura – uma religião. Malhava quase duas horas por dia. Desfilava com lycras diferentes e sofisticadas. Seu corpo, assim como a sua mente, seguiam a moda. Havia feito lipoescultura por mero capricho de moça de sociedade.

Tinha tudo o que podia ter. Seus amigos também.

Estava sempre nos eventos mais badalados, cercada de pessoas conhecidas e desconhecidas. Havia festas de domingo a domingo e todas acabavam em algum rico apartamento regadas a bebidas, drogas de todos os tipos e sexo grupal.

As dionisiacas festas terminavam sempre com alguém indo parar na emergência hospitalar pelo efeito do álcool misturado com as drogas em excesso.

Ela amava aquelas festas, sentia-se livre de tudo e de todos. Bebia, cheirava e tomava êxtase até ficar “doidona”, era como se denominava. Embolava-se com um e com outro entre banheiros, saunas e piscinas. Quem ousasse condená-la era por pura hipocrisia. Afinal era dona de seu nariz. Seu dinheiro podia comprar tudo. Seu mundo era aquele.

Freqüentava os salões de beleza mais caros e usava produtos importados, que ajudavam a compor sua beleza comprada.

Ia ao shopping freqüentemente buscando as peças exclusivas, as quais usava nas festas, quando precisava entrar vestida.

Naquele dia de novembro, acordou muito mais tarde. Não foi para a academia, não ligou para as amigas. Arrumou-se e saiu para caminhar no calçadão. Nunca mais voltou. No salão ninguém notou, na academia ninguém notou e em casa, por muito tempo, ninguém notou. Nem mesmo ao longo de dez dias. Os empregados da casa estavam acostumados com as ausências sem explicações.

No jornal constava a notícia: mulher com aproximadamente vinte e seis anos encontrada morta no mar.

Nunca encontraram seus documentos. Várias testemunhas viram-na entrar na praia de Copacabana com roupa e tudo. O socorro demorou a chegar e o corpo só apareceu três dias depois em Ipanema. Nas espumas vazias, um corpo vão a boiar.

Romances modernos

Ficava olhando enquanto ele dormia. Aquilo não iria ficar assim. Chegava cada vez mais tarde do trabalho. Estava sempre em reuniões e jantares de negócios. As viagens passaram a exceder os finais de semana.

Já o havia flagrado várias vezes em telefonemas estranhos no meio da noite, escondido na dispensa da enorme casa, cuja decoração *clean* clareava os ambientes mesmo à noite. Certa vez, ao chegar do shopping, vislumbrou um movimento no quarto. Ele estava com o cabelo molhado, vestindo uma de suas cuecas de seda, falando ao telefone muito excitado. Alisava o próprio ventre como se fosse descer a mão ao falo enquanto gargalhava. Júlia saiu sem ser vista.

Pensava muito durante o dia. O que poderia e deveria fazer naquele momento?

Havia comentado com sua vizinha e confidente, com quem mantinha uma amizade sólida

e carinhosa. A outra falara que era assim mesmo e que já havia sentido aquilo na pele várias vezes.

Mas isso não lhe bastava. Se a vizinha não a podia ajudar, ela iria se virar sozinha.

Júlia pertencia a uma família de classe média tradicional e de valores austeros. Conheceu Otávio em uma festa, onde foram apresentados por um amigo em comum. Otávio era mais velho, bonito e sedutor. Não demorou muito para estarem casados. Era sócio de uma empresa consolidada de engenharia civil. Gozavam de estabilidade financeira. Moravam em uma linda casa e foram felizes por quatro anos.

Júlia buscava ocupações de toda ordem, mas nada preenchia o vazio ao qual fora submetida. O marido nunca permitiu que trabalhasse fora. Ela começou a achar que um filho lhe faria companhia e ajudaria o casamento, tornando Otávio mais próximo. Ele achava que não era o momento adequado, pois estava em uma fase de muitos projetos profissionais e não poderia dedicar-se da

forma que queria ao filho. Júlia acabava entendendo as suas razões. No entanto, à medida que o comportamento de Otávio mudava, Júlia começava a sofrer.

O ciúme gritava em seus ouvidos todas as noites, tirando-lhe o sono. Imaginava com quem ele estaria até àquela hora e que reuniões eram aquelas que invadiam a noite.

Passava dias e noites pensando no que iria fazer e, nesses momentos, até agradecia por não terem filhos.

Ele a subestimava. Achava que ela era limitada e jamais descobriria seus deslizes. Esse foi o grande erro de Otávio.

Júlia contratou um detetive. Dinheiro não era problema. Queria saber tudo em detalhes, não queria ser poupada de nada, e mais, queria fotos!

Um mês depois, tudo trocado em miúdos. Uma decepção. Aquele homem com quem ela se deitava todas as noites, teve uma amante e, desse conúbio, uma filha. No começo do mês passado

trocara de amante. Estava, agora, com um rapaz de dezenove anos, e ainda lhe pagando a faculdade de Direito.

Numa certa sexta feira, Otávio chegou cansado do trabalho e achou estranho ter encontrado uma mala pronta na sala.

Ela apareceu na porta da cozinha com um sorriso quase imperceptível, acenou para o marido atônito, pegou a mala e partiu. Nenhuma palavra, apenas uma certeza: a de que nunca mais poria os olhos naquele homem.

Revirando

O sol nunca mais iria se pôr. Estava consternada. A última tempestade solar tinha mudado toda a humanidade. Por um motivo mantido em segredo pelos cientistas, a partir daquele dia, seria apenas dia e dia, dia após dia. Hélio nunca mais haveria de recolher seu carro de fogo.

E aquele sol, hein!?!... Não agüento mais de calor!... Parece que vou derreter!... Não consigo dormir no claro...

As pessoas estavam enlouquecendo. Suavam tanto que precisavam andar sem roupas.

Acabavam, por força do hábito, trabalhando até mais tarde, mas a noite não caía e o sol escaldava o pensamento.

Os pequenos lagos começaram a secar. As calotas começaram a derreter e o mar, furioso com o sol, começou a se expandir. A área continental do planeta começou a se reduzir rapidamente. As pessoas conseguiam pensar com muita dificuldade.

Os humanos esqueceram-se da lua e, como a água potável era escassa, começaram a beber do mar, que por sua vez dava mais sede.

As células, em decorrência da elevada ingestão de sais, começaram a se comportar de forma diferente e nem sequer ficavam túrgidas ou plasmolisadas.

As pessoas, que a essa altura já não conseguiam pensar, desistiram de lutar por qualquer alteração.

E foram ficando pequenas, e foram ficando pequenas, e foram ficando pequenas, e foram ficando pequenas...

- É assim que me lembro de quando viramos amebas.

Meninice

A brisa outonal refrescava toda a graça de menina, na beirada da janela em que sentava. Saboreava um geladinho de cajá, fruta refrescante, que adorava. Os vizinhos passavam e cumprimentavam sua meninice balançando as perninhas.

- Onde está mainha? – perguntava o seu Nelson da quitanda.

Outra hora era a Berenice que passava.

- Onde está a comadre Rita? – perguntava sorridente com os dentes que lhe restavam.

O sol já era forte, quase meio da manhã. O geladinho pingava sobre o vestidinho de chita surrado pelas peripécias de menina de roça.

A sua melhor amiga havia viajado para um interior vizinho para visitar um tio por parte de mãe que andava meio doente. Só restava o Dô, cujo nome verdadeiro era Adamastor.

Estudavam na mesma escola: Leca, Dô e ela. As meninas, bem mais atrevidas e inquietas,

costumavam chamá-lo de branquelo, por sua palidez crônica de menino mal alimentado. A magreza despontava na face ossuda e contrastava com a barriga avantajada. Aceitava tudo o que elas mandavam. Talvez por ser mais novo, talvez por ser um menino obediente. Se elas o mandavam subir na árvore mais alta, o pobre o fazia sem que precisassem mandar duas vezes.

Às vezes as meninas costumavam adotar política de princesas e exploravam o indefeso garoto.

- Traga-me um copo d'água cheio até a boca e sem deixar cair uma gota, se não vai voltar e repetir a tarefa.

E lá ia o Dô cumprir a sua missão. As meninas eram cruéis por vezes. O menino se aproximava lentamente para não deixar cair nenhuma gota, e elas o insultavam.

Na escola não era diferente. O trio sempre estava metido em confusões e travessuras. E ele fazia a tarefa de casa das duas.

Jogavam pedras em passarinhos, batiam nas crianças menores, roubavam as merendas na hora do recreio, brigavam com os meninos maiores, subiam em árvores, roubavam frutas no quintal dos outros, pulavam muros, tomavam banhos de rio e ocupavam-se de quebrar regras.

No final do dia estavam todos vivos, sujos e contentes por mais um dia que passava.

Dona Rita não sabia mais o que fazer. Frequentemente era chamada à escola para ouvir queixas das professoras e de outras mães. A vizinhança também reclamava.

Mirna estava de férias, sua melhor amiga viajando, e Dô era sua única companhia.

O geladinho já havia acabado quando Dô chegou à sua janela.

- Por que não veio ontem, verminose? – esse era mais um apelido do garoto.

- Mainha ficou passando limão no meu cabelo, porque tô cheio de piolho.

- Vixe! Nem vem passar piolho pra mim, piolhento!

Mirna não sabia, mas também tinha piolho e também tinha vermes. Ao que parecia, a mãe de Adamastor era mais preocupada com essas coisas.

O povo daquela região árida levava uma vida cheia de privações. Viravam-se como podiam. Dona Rita lavava roupa de umas senhoras de um bairro mais distante, que beirava a estrada. Mirna sempre pedia à sua mãe que a levasse em seu trabalho, mas a mãe nunca a chamava.

- É que eu saio muito cedo. É melhor você aproveitar as férias, minha filha.

Foi nesse dia que Mirna teve a idéia de seguir a mãe. Levou o Dô. Viram a casa velha na beira da estrada. Tinha uma borracharia ao lado e, mais adiante, dava pra ver um posto de combustível com alguns caminhões.

- É ali, Dô! Mainha lava a roupa daquelas moças.

Aproximaram-se do lugar depois que algumas que estavam do lado de fora já tinham entrado.

- Eu quero ver lá dentro.
- Ih, Mirna, não sei não...
- Você é um maricas mesmo! O que é que tem?

Mirna apontou para uma árvore bem próxima de uma janela do segundo andar. A cortina estava aberta. Adamastor sentiu o mesmo frio na barriga que sempre sentia quando Mirna esboçava algum plano.

Subiram sorrateiramente na árvore olhando para ver se alguém os via. Finalmente alcançaram a janela e viram um quarto com alguns espelhos, uns panos aveludados por cima de alguns móveis e uma penteadeira cheia de perfumes e enfeites de mulher. Ficaram detidos em cada detalhe daquele quarto. De repente, a porta foi aberta e uma mulher entrou fumando e gargalhando. Seu rosto era pintado e sua roupa brilhava. Puxava um homem de calça jeans e

sem camisa. O homem ria com um sorriso bem estranho. Começaram a se beijar. Mirna cutucou Adamastor que já nem piscava os olhos. A mulher fazia uns passos de dança meio estranhos e tirou a blusa, ficando somente de sutiã. Ficaram se agarrando de maneira esquisita. Mirna tentou chegar mais para frente para ver melhor. O galho da árvore que estava sustentando os dois não resistiu ao peso e, num estrondo, caiu com os dois batendo fortemente na janela do quarto que olhavam.

Não conseguiram levantar para correr e foram pegos em flagrante. As mulheres estavam em volta deles, quando uma com jeito de chefe chegou. Estava toda pintada com uma blusa decotada vermelha. Também fumava e usava saia curta.

Mirna que até então olhava para baixo, reconheceu a voz de sua mãe.

No ônibus

Caía uma chuva fina. Pouco depois os pingos ganhavam diâmetro. Ploc- ploc espalhavam-se na pequena poça, respingando na barra da calça branca. A sombrinha protegia-lhe apenas os cabelos crespos. De resto já estava toda ensopada. Estava há quase duas horas esperando pelo ônibus que a levaria ao hospital.

Ainda estava no meio do curso de enfermagem, mas havia conseguido aquele estágio que lhe garantia pouco mais que o transporte do mês.

Era bolsista da faculdade desde o segundo semestre. Estudava de manhã e corria obstinadamente para o estágio no período da tarde. À noite cumpria seu papel de mãe e esposa no pequeno quarto e sala, alugado.

Finalmente o ônibus! Estava muito cheio. Entrava com dificuldade, tentando atravessar a cortina de corpos estabelecendo-se na porta do veículo, que já saía andando. Sua sombrinha,

enquanto a fechava, enganchou nos cabelos de uma morena que atravessava a borboleta.

- Meu cabeeeeeeelo!

- Ah, me desculpe. – disse, tentando desprender o cabelo da mulher, que franzira a testa de dor.

O sinal de trânsito estava fechado, e dois transeuntes tentavam entrar no ônibus. A porta teve de permanecer aberta. A borboleta estava congestionada. Duas pessoas tratavam de empurrar mais um pouco. A chuva obrigava a manter as janelas cerradas. E o calor cortava os braços, as pernas e o corpo inteiro.

No meio do empurra-empurra, a sombrinha já fechada finalmente desenganchou do cabelo da mulher. Ao findar de um solavanco que não sabia ao certo de onde tinha partido, projetou-se para a frente quase se desequilibrando. Ia passando entre um e outro, e sua bolsa vinha atrás, teimosa, esbarrando em todos.

Conseguiu acomodar-se em um espaço amplamente disputado e evitou mexer-se para não perdê-lo.

Um homem ouvia uma resenha esportiva em um rádio de pilha.

À sua frente, outro homem dormia recostado na janela, e uma senhora lia a Bíblia.

- É o Apocalipse! – disse a senhora de cabelo despenteado.

- Comigo, senhora?

- É com quem queira ouvir. Estou aqui para pregar a palavra. A senhora não tem Deus não?... Pois é minha missão apresentá-lo.

- Bom, é uma pena...! Vou descer daqui a pouco.

A senhora insuflou o peito e começou a pregar quase aos gritos e a usava como exemplo das almas errantes que não carregam a Deus e rejeitam a palavra.

Torcia profundamente que seu ponto chegasse, mas a chuva fizera do trânsito um caos que lhe doía nos olhos.

Todas aquelas vozes nos seus ouvidos, confusas e ampliadas pelo ambiente fechado e calorento, fizeram tudo a sua volta rodar. A senhora pregava sem parar. O ônibus fez um breve movimento e, quando freou, Quitéria perdeu os sentidos. De tão cheio o ônibus, o seu corpo não caiu. Apenas inclinou-se sobre a evangélica que de susto a empurrou de volta gritando.

- Tá amarrado!

Alguém um pouco mais longe gritou.

- Ela desmaiou!

Logo o empurra-empurra começou e Quitéria recobrou as cores e os sentidos já sentada na cadeira dos idosos. Alguém que ela nunca vira a sacudia.

- Moça, moça? Tá tudo bem? ... ai, meu Deus, como tá pálida!

- O que aconteceu? – perguntou despertando.

- Você desmaiou. Está se sentindo melhor?

- Estou. Obrigada. – disse ainda confusa.

Permaneceu sentada na cadeira de idosos até chegar ao Hospital, onde trabalharia até as vinte horas.

Aquele era mais um dia na vida de Quitéria. Desdobrava-se em mil Quitérias para dar conta de tudo. Ademais já estava acostumada com tudo aquilo.

Lua Lagoana

A Lua cheia clareava a lagoa. Banhava a vegetação marginal, colocando brilho em seus contornos. O ruído dos pequenos insetos e animais noturnos era a canção da noite, repleta de brilho e luz.

Lá, no meio da lagoa, banhava-se a mágica Lua Lagoana. Nua com seus longos cabelos espalhados pela água muito cintilante. Ela jogava a água para o alto como em brincadeira de criança. As gotas lançadas formavam uma chuva prateada sobre sua cabeça. Rodopiava na água com um prazer único. Nas noites de Lua cheia experimentava ser gente dentro da lagoa. Era só naqueles dias, nos dias de lua cheia. Sorria e gargalhava alto, e o som se misturava à noite em uma cadência perfeita. Mergulhava e erguia-se na água pulando em êxtase.

A madrugada começava a penetrar a noite, e ela começava a despedir-se. Aos primeiros raios de Sol, tornava-se, de novo, a Lua – oculta no céu.

Joana e o Mar

Era inverno seco e cinzento. Joana sentia frio e caminhava pela a rua. Roupas rasgadas pelo tempo, pelo sol, pela chuva, pela maresia. Pés não menos descalços do quesua alma.

Dona de dias iguais, ela sabia que o frio piorava à noite, quando o escuro cobertor era o céu. Sua vida, nenhum sorriso, nenhuma lágrima. Expressão ausente.

Acordava sempre muito cedo, até porque sua casa era desprovida de cortinas e paredes. Alimentava-se da mareta, da marejada, do mareiro, do salitre, enquanto fluxo e refluxo lhe confortavam de algo que ninguém sabia. O Mar era sua vida, sua única vida. Mergulhava com os olhos nas ondas, e seus pensamentos emaranhavam-se nas espumas. Ora existiam, ora anulavam-se.

Sentava-se nas pedras, no topo. Passava o dia a contemplar o Mar. Parecia conversar com ele numa linguagem desconhecida. Sorria, chorava, fechava os olhos como num breve cochilo e cruzava

os braços sobre os ombros como se abraçasse a bruma ou afagasse as palavras do seu amado interlocutor.

Araporá era uma pequena cidade, cuja paisagem comovia. Parecia estar perdida no mapa. Acolhedora, silenciosa e distante, ela atraía escritores e estudiosos que a tinham como uma espécie de ventre materno, tamanho o acolhimento. Esses visitantes usufruíam-na sem alarde para preservá-la do que os cativava.

Havia um mês da chegada de Joana quando Dr. Leôncio ocupou o antigo sobrado abandonado. As pessoas ficaram intrigadas com a chegada da mulher descalça que não se hospedara em lugar nenhum e, mais ainda, com o senhor que ocupou um sobrado que ninguém ousava entrar desde a chegada dos primeiros moradores à cidade. Antes, o sobrado era abandonado e cercado de mistério.

Os nativos diziam que Dr. Leôncio era médico de maluco. O que se sabia, de fato, era que

se tratava de um estudioso e parecia ser muito importante. De tempo em tempo, recebia visitas de diferentes pessoas que vinham de todas as partes do mundo. Falavam línguas ignoradas. Certa vez, um grupo de estudantes procurou-o, e passaram meses mergulhados em reuniões e estudos.

O sobrado era próximo à praia. Dr. Leôncio promovera algumas reformas no local, que pareciam indicar sua intenção de permanecer ali por muitos anos. Os moradores de Araporá contavam histórias versando sobre a vida de Joana e de Dr. Leôncio.

Ele era um homem sério e vistoso. Tinha um olhar sereno e maduro. Seus cabelos grisalhos e as marcas em seu rosto indicavam estar por volta dos cinqüenta anos. Ele caminhava na praia de manhã cedo e à tarde. Tinha a aparência de um sábio, de um detentor de conhecimentos ocultos.

Durante todo aquele tempo, Dr. Leôncio prestava muita atenção no comportamento de Joana. Anotava muitas coisas em seu caderno e consultava

freqüentemente seus enormes livros. Observava-a sempre à distância e procurava manter-se escondido.

Tudo transcorria bem na pequena Araporá. A curiosidade já havia sido apaziguada pela rotina. A presença de Dr. Leôncio e de Joana já havia sido incorporada pela cidade. Ninguém mais os reparava.

Era uma quinta feira de manhã quando Dr. Leôncio se exasperou com um telefonema.

- Eu não vou embora agora. Não agora! Lembre-se: esta foi a forma que você escolheu. A minha proposta era muito diferente da sua. Se eu tivesse decidido sozinho, esta situação já estaria resolvida, entendeu bem? Agora eu vou fazer do meu jeito.

Antes que ele concluísse, desligaram o telefone. Aquela ligação mexera muito com ele. Naquele dia ficou inquieto, não se alimentou e, quando anoiteceu, não conseguiu dormir. Passou a noite imerso em livros e anotações.

No dia seguinte, a angústia já havia dado espaço ao cansaço, e ele dormiu um sono repleto de sonhos e símbolos. No final da tarde, dirigiu-se à praia com um ímpeto nunca visto. Subiu nas pedras até o local onde Joana estava. Sentou-se ao lado de Joana. Ficou mudo e estático. Apenas olhava o Mar na companhia daquela excêntrica mulher.

Joana, no momento em que Dr. Leôncio se aproximou, ensaiou uma retirada, mas acabou ficando, depois de olhá-lo com desdém.

Dias se passaram e Dr. Leôncio e Joana estavam sempre juntos sem, contudo, trocarem uma palavra sequer.

Leôncio cantava, atirava pedras ao Mar, e Joana não esboçava nenhuma reação.

Ele acabou compondo, como as pedras, parte do cenário de Joana, mesmo sem nada significar para ela.

Cerca de três meses depois da nova rotina instituída por Dr. Leôncio, ele deixou de ir por quinze dias.

Joana se sentia inquieta. Não era mais aquela mulher apática. Apesar do silêncio, parecia incomodar-se com a solidão que antes a aprazia. Chorou alguns dias. Era como se ela estivesse presa ao Mar. Era como se houvesse um pacto entre ela e seu único homem, seu único deus.

Quando Dr. Leôncio voltou a vê-la, após o intervalo de teste ao qual a submetera, observou que ela não esboçara nenhuma reação, mas seu olhar era diferente. Parecia dizer-lhe algo. Causou-lhe estranheza a grossa manta que envolvia o corpo dela. Seu olhar, naquela tarde, não era indiferente como antes. Pelo contrário, era denso e expressivo. Ela fitou Leôncio por alguns minutos e continuaram olhando o Mar.

A noite já havia invadido a tarde, e a lua cintilava nas ondas que se quebravam nos rochedos. Joana sorriu quando viu formar-se no meio do oceano uma grande onda brilhante. Seu sorriso transformou-se em brilho.

Dr. Leôncio via aquela cena que desafiava todas as suas supostas certezas. A onda aproximava-se lentamente, enquanto ele assistia estupefato. Joana sorria como se fosse a mulher mais livre do mundo. Ergueu-se, soltou a manta que cobria seu corpo, e toda a sua nudez foi levada para o Mar pela onda brilhante.

Leôncio nunca esqueceu aquela visão. Sentia como se o Mar a tivesse levado após um longo beijo. Era como se fossem companheiros e cúmplices: ela e o Mar. Haviam combinado tudo desde a chegada a Araporá.

Leôncio não conseguiu curá-la, nem sequer salvá-la. Sentou-se à sua mesa de estudos e, já com tudo pronto para a partida, escreveu uma carta. Postou-a e partiu para sempre.

Receita fúnebre

Era uma quarta-feira comum em Salvador, dessas em que algumas pessoas saem de vermelho para homenagear Iansã.

Entre o vermelho das roupas e o azul ausente do céu de inverno, algumas pessoas que não exibiam o rubro dirigiam-se àquela sala iluminada por velas e cânticos. Rostos tristes estampavam toda a dor. Cumprimentavam-se em seus lutos doloridos.

E eu? Ah, eu não entendia nada mesmo. Sinceramente não conseguia sentir nem a quadragésima parte daquela dor. Na verdade, dor nenhuma.

Desconforto sim. Esse me envolvia ante aquele espetáculo. Decididamente não haviam atendido aos meus pedidos.

Pedi um caixão bastante simples, visto que não precisaria dele depois de consumada. Além do mais, se fosse possível, gostaria mesmo era de ser enterrado diretinho na terra, sem caixão. Diante da impossibilidade, resolvi que um simples caixão

resolveria tudo. Pouco me importava. Eu queria mesmo era me liberar de tudo aquilo.

Havia uma música que tinha o poder de mexer profundamente com minhas verdades e meus anseios durante a vida: Nocturno nº 9 – Chopin. Até então não a tinha escutado no evento. Eles que não viessem com aquelas cantorias chatas, das quais fugi enquanto vivo!

Não deixei quase nada senão pequenos pertences que muito me apraziam. Durante minha curta estada aqui, não consegui acumular muitos bens. Só os bem-quereres.

Até os dezesseis vivi com meus pais e irmãos em Crisolândia do Norte que ficava a 328 km da capital. Depois fui para a cidade, carregando poucos panos e muita coragem.

É. Vivi! Posso dizer. Apertei-me algumas vezes, mas consegui me arranjar.

Logo que cheguei foi bem difícil, mas tratei de virar garçom de um restaurante no centro. Aquilo foi muito bom para mim. Pude continuar estudando.

Concluí meus estudos e tornei-me vendedor de carros em uma grande concessionária. Aquilo me dava certo *status* junto à minha família. Freqüentemente era citado como o filho que foi para a capital e deu certo.

A família era grande, cheia de tios, primos e irmãos. Éramos sete e eu não era nem o primogênito nem o caçula, o que permitiu sempre que eu escorregasse para onde quisesse sem ser muito notado. Gostava muito disso, sobretudo na infância e na adolescência.

Nas datas festivas, costumava visitá-los em Crisolândia. Todos gostavam e preparavam aqueles deliciosos quitutes interioranos, nos quais eu me esbaldava.

Pude ver, ao longo do tempo, minha família prosperar, até mesmo antes de mim. Quando pensei em enviar-lhes algum dinheiro, eles já faziam reservas em um banco local.

Lembro-me ainda da primeira coisa que fiz quando entrei na concessionária. Tratei, com

urgência, de arranjar um apartamento quitinete para alugar, pois uma coisa que eu não gostava era de dividir apartamento com mais quatro que conheci em minhas andanças. Eles eram legais, mas cinco homens sob o mesmo teto em um apartamento pequeno é tremendamente complicado.

Hoje eles estão aqui com as mesmas caras sacrificadas pelos tempos modernos. Ai, ai!... Às vezes me dá um certo pesar acerca dos que ficam. Essa catraca roda muito e é alavancada por sei lá o quê!

As meninas também vieram. Engraçado como elas preenchem a pequena sala. É possível vê-las em todos os cantos. Foram muitas, mas nenhuma capaz de me fazer casar. Também não deixei herdeiros. Herdariam o quê?! Morei de aluguel, e meu único patrimônio era um carro de cinco anos atrás. O pessoal da concessionária fazia campanha para que eu o trocasse, mas eu gostava era daquele. O bichinho tinha até nome: Potentão. Era realmente uma potência!

O povo da concessionária era muito divertido. Também estavam lá. Alguns até soluçavam.. Não posso reclamar daquele que foi meu segundo e último emprego.

Ah, não posso deixar de falar do meu segundo bem: o violão. Me acompanhou em inúmeras farras com beberrões na boemia metropolitana. Esse eu deveria ter deixado para o Regis, cara legal e muito meu chapa, companheiro das farras. Ele chegou atrasado, mas compareceu para me dar o último adeus, sem demagogias.

Parentes, amigos, chefe, conhecidos, todos olhavam atônitos para mim. Achavam estúpido que eu me despedisse da vida tão cedo.

- Eu queria me enterrar em seu lugar. – dizia a mamãe sem economizar lágrimas.

- Tão novinho – choramingava a minha irmã caçula.

O pai, mais velho que a mamãe doze anos, já não entendia muito bem aquilo tudo. E apenas olhava para dentro do caixão com aquela boca

inquieta dos que já não tem mais dentes e desconhecem uma série de fatos de suas vidas.

Um tio cutucava uma prima distante.

- Morreu novo. Quarenta e dois é considerado flor da idade. Dizem que deixou dívidas!...

A prima não deu muita importância ao comentário, não porque não gostasse de fofocas, mas porque queria ficar próxima da mesa, onde se encontravam os salgados que a mamãe tinha encomendado com muito esmero.

Gostaria que todos os presentes soubessem que nada me doía nem me magoava. Estava tão leve. Chegava a me divertir diante da repercussão da morte inesperada. Acho que muitos daqui por diante olharão as geladeiras de forma diferente. Alguns olham para o caixão e dizem que não entendem como pude ter levado aquele choque com a geladeira desligada.

Enfim, pouco importa. Vou. Sem dor e sem rancor. Não sei porque vim. Não sei para onde vou.

Só sei que vim num dia qualquer e num dia qualquer
estou indo.

Vizinhança

Ela começou falando com as plantas. Ninguém estranhava: era comum que algumas pessoas falassem com suas plantas e animais muito queridos. Não deu outra. O tempo passou e então passou a trocar confidências com o gato, que escapulia da ladainha sorrateiramente indo para o telhado encontrar-se com a gatariada área.

A situação só começou a assustar quando passou a falar com objetos inanimados. Os vizinhos foram os primeiros a estranhar, quando ela começou a se explicar com a porta.

- Voltarei logo. Não deixe ninguém entrar em minha ausência. Vejo-a logo mais.

No começo, a vizinha da frente achou que havia outra pessoa dentro da casa, e por causa da pressa ela falava já do lado de fora. Todavia a coisa foi ficando mais séria. Falava com a chave, com as cartas que recebia, com o semáforo e até com a garrafa de refrigerante.

Os vizinhos comentavam pelos cantos à boca pequena.

- Será que ficou louca? – perguntava a mais fofqueira.

- Que Deus tenha piedade! – apiedava-se a beata.

- Com o perdão da palavra, isso é falta de marido – afirmava o síndico que havia dado umas investidas românticas logo que ela se mudou.

O fato era que Antonia Gruis continuava com a mesma felicidade de sempre. Muito cordial com todos, que sempre a olhavam com certa reserva. Só havia aquele pequeno detalhe: falava com tudo que estava ao seu redor. Eram conversas ora corriqueiras, ora substanciais.

Certo dia foi encontrada na entrada principal do prédio em que morava, tendo uma calorosa conversa com a porta central. Aliás, parece que, de tudo, ela preferia as portas. Falava da situação econômica e política do país. Ao que parecia, a porta era de uma corrente diferente da sua. Estava

praticamente a discutir com a porta. A coisa era tão consumada, que nem sequer notava os que passavam.

Foi nesse dia que o síndico ligou para a filha da moradora falante que morava em São Paulo.

- Como isso aconteceu? Por que só me ligaram agora? Ah, meu Deus, de novo isso...

A filha se mostrou muito preocupada e disse que viria ao seu encontro antes do final de semana. Informou-lhe que a mãe já havia surtado na época em que ficou viúva – mas isso já havia sido há 12 anos atrás.

A mulher, de fato, chegou antes do final de semana. Todos no prédio já sabiam que ela estava para chegar, menos a mãe, que continuava alegre da vida, conversando com seus amigos mudos.

Dim-dom e dirigiu-se à porta.

- Marina!?! O que faz aqui? Não me diga que foi despedida!

- Não, mamãe! Recebi uma ligação do Sr. Demerval dizendo que você havia enlouquecido.

- Ah, isso!...

Nesse meio tempo as duas se abraçaram e foram sentando no sofá já descalças e mais à vontade.

- Ah, filha, eles são tão caretas! É uma mesmice tão grande aqui! Eu inventei isso para me distrair um pouco. Você precisava ver a cara deles!... Ficavam tão assustados e pálidos. É tão divertido, Marina. Você deveria experimentar lá em São Paulo. Seus vizinhos são chatos, fofoqueiros e intrometidos? Experimenta, menina!

- Eu sei, mãe, que não deve ser fácil morar sozinha, sobretudo com essa vizinhança, mas não acha que é brincar demais com as pessoas? Olha, eu tive de inventar uma desculpa superesfarrapada para o síndico. Mamãe, isso não está certo. Isso lá é forma de encontrar inspiração para escrever seus livros?! Desde pequena que eu tenho que inventar uma desculpa mais estranha que a outra. Assim não dá, mamãe!

- Ah, eles são muito caretas, bambina!... Só percebem pessoas de carne e osso, coitados! Gente limitada!

Não vai jantar agora?

Amarrara os longos cabelos. Primeiro em tranças e depois fixando uma na outra e embutindo-as como um contorno da própria cabeça pequena. Era ela toda pequena. Gestos tão rápidos quanto neuróticos. Uma pequena neurótica.

- Não vai jantar agora?

- Não estou com fome. - dizia a outra, a do cabelo cortado.

Quando pequena ela era obrigada pela mãe a deixar o cabelo bem grande. Ah, como pesava em sua pequena cabeça. Essa mesma que depois passou a suportar as tranças embutidas rente ao couro e tantas outras coisas.

- Não fique triste comigo. Errei sem querer.

A do cabelo cortado chorava baixo e de maneira disfarçada. Um comedimento só.

Quantas vezes ela quis cortar seus próprios cabelos... a mãe não permitia. Talvez por isso mesmo quisesse tanto.

O tempo levou-a ao altar. Ganhou enfim um marido e o cabelo curto.

Recuperou a auto-estima com o novo cabelo. Cabelo da liberdade.

Nessa mesma época sentiu um grande alívio por sua vida não girar mais em torno da cabeleira. Levava uma vida calma, singela e feliz e, tempos depois, resolveu manter os cabelos longos com tranças embutidas.

Cuidava da casa, mas tinha ajudantes. Vez por outra trocava de ajudantes. Uma das ajudantes mais eficientes que tivera chamava-se Marilda.

A Marilda era zelosa, dinâmica e limpa. Cuidava das refeições e das roupas. Mulher vaidosa, sempre chegava ao trabalho perfumada e com um grande coque, pois cozinhar o exigira.

Já tinha doze anos na casa quando sua patroa insistiu:

- Vamos, Marilda, que bobagem. Deixe-me ver seus cabelos. Há doze anos vejo-a entrar e sair

da minha casa sem nunca ter visto seus cabelos. Vamos, mulher, deixe de vergonha.

- Está bem, Dona Cândida, mas logo prenderei. Preciso cuidar das roupas.

- Claro, Marilda, é que, com tanto suspense, fiquei curiosa.

O cabelo de Marilda era encantador. Longo, ondulado e de um volume estimulante. A franja era um tanto desordenada, embora não comprometesse o todo.

- É lindo, Marilda! Que brilho! Você deve arranjar muitos pretendentes por aí!

Marilda corou modesta.

- Só mesmo a senhora, dona Cândida!

E voltaram ambas para suas atividades.

Marilda não vira, mas os olhos da patroa brilharam em êxtase diante da vasta cabeleira de ébano.

Na semana seguinte a Marilda estava a sorrir à toa. Um rapaz do seu bairro, tido por todos como excelente partido, a chamara para uma pastelaria.

- Sexta-feira. Depois do expediente.

- Ai, Dona Cândida, foi só a senhora falar que parece até que já arranjei um namorado. Eu gostaria de pedir algo para a senhora. – ruborizou a apaixonada.

- Claro, Marilda! O que posso fazer?

- Eu gostaria de me arrumar aqui, depois do trabalho. Gostaria que a senhora me ajudasse. Não estou acostumada com essas coisas. A senhora costuma ir a festas, tem revistas de moda, vai ao salão . . . então? A senhora me ajuda?

Dona Cândida sorriu tímida, mas nem por isso menos orgulhosa. Sentia-se imensamente útil, e mais, sentia-se vaidosa ao constatar a importância de sua ajuda e opinião.

- Mas é claro, Marilda! Se depender de mim, você vai casar com esse rapaz.

Marilda sorria com um contentamento de filha.

Chegada a sexta-feira, Marilda era a ansiedade em carne e osso. Seus olhos saltitavam de felicidade.

Sua patroa já havia escolhido a roupa, o calçado e cuidaria da maquiagem e do penteado.

- Vamos, Marilda! Assim vai se atrasar.

Marilda sentou-se tímida à penteadeira da patroa que a maquiava cuidadosamente.

- Vou tomar cuidado para ficar suave, Marilda. Homem não gosta de maquiagem forte.

Marilda concordava com tudo.

- Qual penteado vai querer? Já olhou na revista *Bistrô*?

- Vou querer a banana embutida.

- Quer uma sugestão?

- Claro, Dona Cândida! Com a sua experiência!...

- Deixe seu cabelo solto e esse rapaz irá se declarar hoje mesmo. Vamos dar um jeito na franja que já perdeu o corte e pronto!

- É mesmo! Tem razão!

Dona Cândida se esmerou. Pente aqui, escova ali, tesoura acolá. Por fim perguntou para Marilda:

- Que tal você usar um chapéu?

- Chapéu!?

Marilda virou-se para o espelho e uma lágrima rolou, decepcionada. Sua franja estava completamente torta e curta.

- Não vou ao encontro. – falou secamente.

- Não vai jantar agora?

Memórias do cão Isidoro

Nunca imaginei que desse tanto trabalho morrer. Já tinha ouvido algumas pessoas reclamarem da tal burocracia, mas não imaginei que também se aplicasse a cachorros, muito menos aos sem *pedigree* e sem raça. Fazer o quê!?

Minha mãe, sim, tinha pedigree. Criada em casa de família rica. Ia ao salão para banho e tosa. Tinha uma linda caminha espumada e bichinhos de todas as espécies que serviam para afiar-lhe os dentes fortes. Ração especial, osso antitártaro, coleira de pérolas quase verdadeiras, perfumes e talcos caninos franceses. Tinha uma vida de rainha.

Num de seus cios, escapuliu pelas pernas dos empregados e foi se refestelar com o Esteves, cão sarnento do vizinho. Vá lá, tudo bem, não é sarnento; é apenas pulguento e fedorento. Havia outros cães na vizinhança, inclusive da sua mesma raça, mas a danada foi escolher logo o Esteves. Ah, vê se pode! Esteves aqui, Esteves ali...

Barriga de três. Três mestiços mesclados. Ah, os filhotes são lindos mesmo. Todos apreciavam. Pegavam-nos todo o tempo.

Ah, que fofinho! Mãe, eu quero um! Por favor!... O que eles comem? Vai vender?

Fui parar com a Cidinha e até hoje não sei o paradeiro dos meus irmãos. A Cidinha tinha oito anos quando fui para a casa dela com dois meses. Não posso reclamar. Apesar de não ter todos os luxos da mamãe, tinha muito conforto e bons pratos. Mas isso foi só com o tempo.

No começo, a Cidinha achava que eu era uma das suas bonecas. Vestia-me com roupinhas apertadas e cafonas. Ficava parecendo uma bonequinha de louça no meio de saias e filós. Ela apertava minha barriguinha como apertava as das bonecas que falavam, cantavam ou choravam. Sossegou somente quando, depois de um apertão, dei uma rosnada. Sabe como é, eu precisava colocar limites naquela situação.

No dia dos bichinhos, eu ia para a escola com ela. Tinha uma coleira maneríssima! Eu até gostava da situação. Chegava lá e encontrava com outros caras: gatos, passarinhos, pintos, papagaios, cágados e outros cães. Vez por outra brigávamos uns com os outros, mas, no final, tudo se acertava. No dia seguinte, a Cidinha tinha de levar para a aula um pequeno texto sobre os bichos. As pessoas são mesmo engraçadas.

Tinha duas coisas que eu achava muito chatas. Uma era quando me chamavam de irracional. Fala sério!?! Aquilo mexia comigo. Eu cuidava da Cidinha, levava alegria para a casa, roia os pés das mesas e cadeiras para que não fossem pontiagudos e ferissem os meus amigos e eles me chamavam de irracional! Até aprendi a fazer xixi num lugar só da casa. Só faltava exigirem que não levantasse a perninha. Não gostava nada quando falavam em meio a alguma conversa:

- O Isidoro parece que pensa! É um cãozinho tão esperto! Vem cá, menino!

Ora essa, eu pensava mesmo! O tempo todo. Mas os humanos são realmente muito presunçosos.

A outra coisa que odiava eram as idas àquele lugar horrórico. Uma fila com vários cães e gatos no colo de seus donos. E no final da fila: a vacina! *Caim* mesmo. Aquilo doía demais! No mesmo lugar da vacina pegavam uns remedinhos para verme que também eram muito chatos.

Fiquei bem velhinho mesmo. Meus dentes caíram. Comia umas papinhas estranhas, mas gostosinhas. Fiquei cego de um olho e um dia não acordei. Só não imaginava que os cachorros também iam para o céu... hum, nem todos... agora me lembrei do Pitbull da rua de trás. Com aquele histórico não deve ter vindo para cá. Mordeu cinco pessoas – dentre elas três eram crianças.

Enfim, já estava meio cansado de prestar depoimentos sobre meus atritos com outros cães ou com pessoas na porta do céu, quando uma cadelinha faceira disse-me que eu deveria ser paciente, e que aquilo fazia parte do protocolo.

O contador de histórias

Osvaldo era um sujeito excêntrico. Era o que todos diziam. Muito conversador, sorriso estampado e rápido. Tudo para ele era resolvido rapidamente. Alguns diziam que ele era um loroteiro dado a falácias.

Trabalhava no mercadinho “Imperatriz”, localizado no centro da cidade. Pegava o ônibus cedinho e, coitado de quem ficasse próximo dele! Estaria fadado a ouvir suas histórias incríveis até chegar ao destino.

Sua história preferida era a de que foi abduzido por seres alienígenas. Engraçado era que não se perdia nos detalhes. Era um bom contador de histórias, o sujeito.

A outra, tão inusitada quanto a primeira, revelava suas proezas no campo de batalha da Guerra do Kuwait. Dizia que conhecia o Golfo Pérsico como a palma das mãos e que a Faixa de Gaza era fichinha para ele.

Só comecei a ficar em dúvida quanto à falsidade dos fatos quando ele me contou uma história que ouvi anos antes no quartel e com a mesma versão. E, pasmem, ela também se passou com um tal de Osvaldo.

Osvaldo estava de férias e havia comprado um fusca envenenado preto. Chamava-se “Sabiá” o tal fusca. Saiu numa noite de sexta-feira para buscar um cacho no subúrbio ferroviário.

Amanda Beti não o deixou esperando muito tempo e, quando apareceu, foi para agradá-lo completamente. Surgiu com uma saia que mais parecia um cinto largo e uma camisetinha muito escandalosa.

- Então é esse o carrão? Tu não tem vergonha, Osvaldo!? Pensei que eu fosse sair numa Belina zero... me produzi toda... – irritou-se Amanda Beti.

- Fica fria, Amandinha! Hoje a noite vai ser das boas! O Juarez me falou de um lugar que o bate-

coxa é dos bons. É gafeira pra ninguém botar defeito!

Seguiram os dois no carro entre carícias e discussões para a tal gafeira.

O lugar era peculiar. A gafeira comendo à meia luz e alguns casais já dançavam mais do que a música pedia. Osvaldo delirava com o cinto da Amanda. Beberam tudo o que podiam. Já no meio da madrugada, Osvaldo já não atinava com nada. Pegou Amanda pela mão e puxou-a lascivamente.

- Vamo embora, minha nega!

Entraram no veículo. Pelo seu estado etílico, Amanda já achava que era uma Belina, e seguiram na pista.

Logo depois, passou uma viatura policial com as luzes acesas, embora sem a sirene.

Osvaldo arregalou os olhos e avançou.

- Não pode!

- Não pode o quê, Osvaldo?

- Essa viatura. Assim como tá... não pode!
Ou desliga a luz ou liga a sirene. Não pode ficar
assim com a luz ligada e sem sirene.

- Mas o que é isso, homem!? Tu não se mete
com os homens.

Oswaldo já havia avançado e interceptado a
viatura. Dela saíram dois policiais com armas em
punho.

- Vai encostando, vai encostando. Você
também, gazela.

Amanda não gostou nada daquilo e ajeitou a
saia que nessa hora só cobria o umbigo.

Os homens perceberam que Oswaldo estava
mais pra lá do que pra cá, deram-lhe uma coronhada
e largaram os dois no meio da estrada.

No dia seguinte, a notícia se espalhou na
região do subúrbio contando que dois ladrões
renderam dois policiais, prenderam-nos no porta-
malas e usaram seus uniformes para fugir.

O Oswaldo conta uma história bem parecida,
exceto pelo final, quando ele diz que rendeu os dois

homens, pois havia percebido que eram marginais. E quando ele foi buscar ajuda, Amanda Beti os deixou fugir.

O que mais me intriga é que o Osvaldo tem histórias para contar todos os dias. Penso que acredita nelas. Mesmo porque, tudo pode acontecer nesta vida de meu Deus.

Os carimbos de Aurélia

Era sozinha no mundo e passava os finais de semana molhando as plantas em seu apartamento mofado.

Torcia imensamente para que a Terra girasse mais rápido em volta de si mesma. Queria sempre voltar para os seus carimbos. Eram muitos: grandes, pequenos, com data, redondos, triangulares... ah, como gostava deles!

O telefone não tocava. Ninguém batia à sua porta nem mesmo para pedir-lhe um pouco de açúcar para um bolo de última hora.

Aurélia era muito séria desde a infância, e não fizera amigos quando se mudara para a cidade. Mulher sisuda, austera e ensimesmada. Apenas gostava de seus carimbos.

Era em seu trabalho que podia sorrir por dentro, porque por fora nem cogitava. Preparava a roupa que usaria na noite de véspera. Não só a roupa como também os acessórios. Escolhia um dos três

pares de sapato que possuía. Acordava muito cedo e nunca se atrasava. Era numa repartição pública.

Sua sala ficava esquecida num pavimento pouquíssimo movimentado. As cortinas eram mofadas como as da sua casa, e a luminosidade era precária. Na ampla sala repleta de móveis velhos somente Aurélia e seus carimbos.

Na gaveta uma revista com horóscopo para o ano inteiro. Fingia para si mesma que alguém lhe havia dado. Lia-o como assinava seu ponto. Tossia um pouco por causa de um resfriado mal curado. A voz já não lhe era boa.

O telefone tocava sempre. Pediam informações sobre a papelada para o registro, e ela respondia tendo lido o manual apenas quando entrara naquele trabalho há vinte anos. Sua memória nunca tinha sido forte e a idade só tornava-a pior. Confundia os requerentes.

Aurélia orgulhava-se profundamente de seu trabalho e, dentro de sua casca tosca e insipiente,

acreditava veemente em sua colaboração junto à sociedade.

Quando recebia alguém, ou para registro ou para informações tratava de ser ainda mais eficiente. As pessoas adentravam a sala comprida e ela, antes que lhes chegassem, pedia que a aguardassem chamar na ante-sala. Concentrava-se e, então, abria a gaveta onde guardava a revista de horóscopo e os carimbos. Respirava e dava início à cerimônia.

- Pode entrar. – pedia ela com a voz impostada.

Nesse momento, sentia-se tensa, pois saberia se o requerente vinha para obter uma mera informação ou se era um registro completo.

No primeiro caso ela tornava-se logo enfadada. Dar informações não lhe exigia carimbar, pelo menos não constava no manual que lera quando entrou na repartição. Todavia, achou por bem fazer um carimbo simples, contendo algumas informações rotineiras, com seu próprio ordenado. Isso não faria mal nenhum. Era apenas para facilitar e tornar o seu

trabalho mais rápido. Então molhava o carimbo retangular por cerca de trinta segundos, esfregando-o na almofada de tinta preta de uma extremidade à outra e, depois, deitava-o na folha branca, pressionando-o com exatidão. Nenhuma letra falhava! Sorria, por dentro, satisfeita e despedia-se do requerente, desejando-lhe boa sorte.

O regozijo, todavia, só se dava na segunda opção, o registro. Neste caso ela abria um sorriso discreto, meio de canto. Era a única hora que sorria por fora. Prontamente pegava os formulários, tabelas, protocolos, almofadas azul, preta e vermelha e, as estrelas do seu êxtase, os carimbos.

Preenchia lentamente e, depois, carimbava de um lado, de outro e até de cabeça para baixo. Carimbava com as três cores diferentes de que dispunha, com os variados carimbos em todas as folhas. Era uma festa para seus olhos atentos e um júbilo para seu coração amargo.

O procedimento exigia apenas três carimbos e uma única almofada de tinta, cuja cor não era

especificada no manual. Com tantos anos naquele cargo, Aurélia achou que poderia facilitar as coisas, adotando mais alguns carimbos. Foi assim que de três carimbos necessários ao registro passaram a nove e mais um de “boa sorte”.

Um homem no tempo

Olhei de longe, sem me aproximar, e lá estava ela totalmente despida, entrelaçada na engrenagem do velho relógio. Seus cabelos, soltos e caídos devido à posição inversa de seu corpo, pareciam ondas.

Nada passava por sua cabeça: estava presa dentro do relógio. Ela o fez parar como uma pedra ou pedaço de pau encaixado numa engrenagem e qualquer movimento poderia ser-lhe fatal. Contudo aquele relógio não se mexia há muito tempo e talvez nunca voltasse a funcionar. Tudo era possível!

Apenas os olhos se moviam num tique-taque histérico em sua desconfortável posição. Não eram olhos de medo, mas também não eram de paz. Parecia uma prisioneira. Perdida dentro do tempo.

E os olhos piscavam, e os olhos piscavam... Uma nudez completa. E os olhos piscavam, e os olhos piscavam...

Afastei-me um pouco sem compreender nada. Aqueles olhos inquietos me irritavam. À

medida que me afastava pude ver o deserto que nos circulava. A brisa arranhava-me os braços, e a areia voava silenciosa.

Sentia-me atordoado ainda. Olhei para o meu corpo e vi que eu não era eu, mas apenas uma mancha. Algo turvo, escondido.

- Estou sonhando, só pode ser! Que estranho, não consigo acordar!

De repente uma gargalhada horrenda tomou conta do lugar. Era uma gargalhada que passava do grave ao agudo, do agudo ao grave, uma gargalhada cuja dinâmica oscilava em chuvas gritantes. Uma gargalhada infame. Era ela, a mulher do relógio. Estava realmente viva! Embora presa.

Fiquei muito assustado com aquela imagem e com aquele som. Corri. Corri muito. A areia tornava meu corpo cansado, mas eu ainda corria e corria e corria. E, de tanto correr, tranquei-me no deserto, um lar em fuga.

Durante o dia, o calor seco castigava a pele, o humor e a paciência. Durante a noite, o frio

acalentava a alma me enchendo de paz. Por fim, o sono denso e completo.

Aquela imagem tinha ficado para trás. Talvez fosse apenas uma miragem. Talvez houvesse outras por virem.

Carta para amanhã bem tarde

Meu nome é Cibele. Estou escrevendo para uma daquelas iniciativas lunáticas de guardar diversas cartas num baú para serem abertas daqui a 100 anos. Coisas da Prefeitura de Ridinópolis!

Mas vamos à carta.

O problema que logo tive, ao começar, foi o da escolha dos assuntos e, se participo disso a você, caro leitor, é porque acho se não importante, ao menos engraçado. Enfim, talvez daqui a cem anos seja apenas ridículo. Ou ainda, ser ridículo seja “o máximo”! É uma pena, mas não poderei chegar aos 140 anos para ver toda essa bobagem.

Tu, que me lês, certamente vê um mundo diferente. Não consigo imaginar todas as novidades. Contento-me em supô-las.

Vi os computadores entrarem nas casas curiosas e, depois nas não-curiosas também. Vi a menina-internet fazer suas gracinhas, dinamizando a informação e o comércio. Acompanhei tudo tão fácil

– achava... Até que pude ver crianças que já nasciam filhas da novidade. Aprendiam a andar, falar e divulgar seus celulares e e-mails – uma coisinha! Enfim tornaram-me obsoleta. Hoje não conheço os softwares da moda. Fui tragada pelo novo e isso me faz parecer velha, muito velha.

Imaginem vocês, as mulheres enxergam-se gordas e velhas, penso tratar-se de uma patologia coletiva de ordem oftalmológica. O fato é que, ao invés de tratarem da visão, elas vão ao cirurgião plástico. Ah, neste tempo, existem muitos deles. São quase homens mágicos. Alguns truques mágicos falham, e assim, muitas moças perdem os seios ou têm vísceras perfuradas.

A juventude também é bela. Desenvolvem-se em grandes grupos: shoppings e academias. Discutem futebol, piercings e tatuagens com muita profundidade. São lindos! Os pais estão cada vez mais presentes nas reuniões, mas não nas escolares. Estão cada vez mais nas academias e shoppings, mais não naquelas onde seus filhos estão.

Caro leitor, não me tomes apenas como uma pessoa irônica. Saiba que hoje a ironia serve de morfina para algumas de minhas dores mais secretas. Isso faz parte da minha realidade, a realidade de 100 anos atrás, para ti.

Preciso ainda de óculos para ver esse mundo turvo. Trata-se de um mundo de preconceitos. O homem é ainda um tolo e me pergunto com frequência: - Será que será um tolo ainda daqui a cem anos? Diga-me então, caro leitor. – És um tolo? Ou será que desfrutas do privilégio de um mundo melhor?

Ah, amigo – se é que posso chamar-te assim após o desabafo – tenho chagas e entorpecimento por causa desse mundo cruel. Pior ainda é constatar: sou parte dele!

Bom presente,
Cibele Barbosa

O jantar

Nada, nada, nada tenho dizer sobre Muxoxo Saldanha que possa a diferenciar das cidades vizinhas.

As mesmas roupas perambulam aos cochichos. Os mesmos risinhos debochados das senhoras sérias a desdenhar das outras. As mesmas falácias a voarem pelo ar. Não havia o que se passasse numa das cidades vizinhas que o povo todo não conhecesse, pelo menos duas versões diferentes, ao findar do dia.

Foi lá, em Muxoxo Saldanha, que aconteceu o fato mais inverossímil de toda a redondeza.

Maria Alzaga tirava os rolinhos que pusera nos cabelos na noite anterior e o fazia no sofá próximo à janela. Começou a ouvir o alvoroço. Bocas e vozes alteradas chamaram sua atenção. Correu, com seus rolinhos nas mãos, e muitos ainda presos ao cabelo e disfarçou-se atrás da cortina semitransparente. Esgueirava-se de qualquer olhar mais atento, pôs-se na ponta dos pés e se esticou o

mais que pode atrás da cortina. Viu que a aglomeração aumentava do outro lado da praça, onde ficava a mercearia.

As pessoas chegavam como quem tinha saído de casa sem qualquer zelo, como se fora de uma hora para outra, abruptamente. Muitos chegavam despenteados ou mastigando um bocado de comida, outros de pijamas e alguns com apenas um pé calçado, mais adiante outros se abotoando ou amarrando os sapatos. Era algo muito esquisito de se ver.

Maria começou a arrancar os rolinhos do cabelo sem prestar muita atenção. Julgou ter tirado todos, pegou a bolsa e saiu rapidamente. Atravessou a praça quase correndo: queria pegar um lugar bom. A fila crescera assustadoramente e já dava algumas voltas na praça. As pessoas se empurravam e discutiam o lugar na fila.

Os que iam saindo da fila tinham uma cara satisfeita e demonstravam grande pressa. Saíram mudos e realizados. Levavam uma sacola amarela

com algo relativamente pesado. A julgar pela aparência poderia ser algo com uns quatro quilos aproximadamente. Ninguém parava. Era intrigante. Uns até corriam.

Dois homens se agrediam pela desonestidade de um terceiro. Rolaram pelo chão sem constrangimentos. Os que estavam próximos gritavam, ora tentando inibir, ora estimulando.

Uma garota, que trajava roupas rasgadas, comentava com a vizinha de fila a quantidade que ia querer.

- Vou querer dez quilos. – dizia ela ao balconista orgulhosa de estar na frente da outra.

- Lamento, senhorita, mas não contávamos com tantos compradores e então fixamos o valor máximo por pessoa em quatro quilos, a fim de atendermos um maior número de pessoas ainda hoje. Seus familiares poderão vir buscar também...

- Já estão todos aqui. – disse a garota desalentada.

Virou-se e saiu com sua sacola amarela. Tratou de trocar a feição de desalento pela de satisfação para demonstrá-la aos que estavam na fila.

Não demorou muito para o Antunes, dono da mercearia, sair da loja, todo amarrotado.

“Incrível! Não estamos atendendo apenas à população de Muxoxo Saldanha, mas toda a adjacência!” ele pensava, com orgulho em seu próprio sucesso.

Adiantou os passos e pronunciou:

- Atenção, senhoras, senhores, conterrâneos, visitantes, é meu dever informar que só temos na casa mais quatrocentos quilos da mercadoria. Estimo que não dará para todos os que se encontram na fila. Informo ainda que receberemos um novo carregamento na próxima semana, e que todos serão atendidos no prazo de sete dias.

Depois do recado de Antunes, os empurrões aumentaram, as agressões ganharam espaço, e o respeito foi esquecido de vez. Pessoas fraudavam

escancaradamente, vendiam seus lugares por preços elevados.

Maria Alzaga chorava de nervoso. Além disso, queria urinar, mas não poderia correr o risco de perder o lugar na fila.

- Eu só vou querer um pouco. – dizia enquanto chorava e urinava por cima da roupa.

Ela não era a única. Sorriu, depois de alguns instantes, realizada com a sua sacola amarela. Respirou fundo e correu para casa. Chegando à sua residência viu que o marido e os cinco filhos a esperavam, sentados à mesa de jantar. Não ousou tomar banho ou trocar de roupa.

Pegou a sacola pela qual tanto sofrera, despejou o conteúdo na pia, lavou-o, temperou-o e deixou cozinhar por três minutos.

Colocou na mesa o prato principal com as guarnições devidas, arroz, feijão e salada. Todos adoraram. E ela, então? Não havia mulher mais bela. Feliz.

O segredo

“Já que não consigo caber em mim, transbordo como um copo pequeno e tudo resolvo”.

Ela roía as unhas no ônibus enquanto refletia.

“Os cheiros, os cheiros, o corpo em movimento, o som, o som”. Além de roer as unhas, agitava o pé freneticamente.

Quem a visse de longe, saberia: era louca.

Costumava se questionar se a loucura começaria pelo nariz, pelo ouvido ou pela boca. Isso, desde sempre. Sim, falava sozinha, corriqueiramente. Além disso respirava, respirava... enquanto dormia, enquanto falava, enquanto pensava. Apenas era. Segredava às suas entranhas seus dilemas, suas vontades.

Quando chegou em casa naquele dia, sua mãe chorava, ouvindo a canção antiga que tocava no rádio, enquanto lavava as roupas.

Foi nesse giro que se viu de volta à realidade e não mais no seu mundo repleto de loucura e segredos de sua alma.

- Por que choras, mamãe?

- É essa música, minha filha... me faz lembrar do seu pai... – e a senhora de pele curtida de sol chorava mais forte.

Os cabelos de Dona Guiomar eram presos em coque bem alto, com grampos a segurar os fios fujões. Eram do tipo fino e ralo, já de um grisalho avançado. O corpo era forte, anca larga. Mãos ásperas e envelhecidas. Mãos que sustentaram a ela e à filha com as roupas lavadas com as lágrimas, desde quando o marido a deixou com Mércia ainda de colo.

Já se refazendo da penosa recordação, esticava a vista e indagava à filha.

- Como foi a entrevista?

- Apenas mais uma... tem horas que me canso!

Era final de tarde e, pondo o pó no coador, Mércia voltava aos seus pensamentos, vendo a imagem de sua mãe abrindo mais uma trouxa de roupas sujas.

- Para se ter sorte na vida: nem oito, nem oitenta. – dizia Mércia com uma convicção rala e até engraçada, enquanto terminava de passar o café.

- Vem você com essas conversas. – resmungava a mãe, já refeita.

O bule transbordou, derramando café e borra quentes na mão de Mércia.

- Merda de vida!... merda de vida... – ela mesma escutava sua voz a sentenciar a vida e buscava ainda um sentido para aquilo. Não o conseguia apreender. Eram nuvens apenas, ou o próprio ar, jamais poderia tocá-lo.

A mãe cantarolava qualquer coisa batendo as últimas peças do dia.

O gosto do café reconfortava pouco a pouco Mércia. Tomava-o olhando na janela o movimento daqueles que iam chegando do trabalho. Seus óculos

embaçavam com a fumaça quente. E Mércia lembrou-se de sua infância.

Ajudava a mãe a pegar as trouxas de roupas nas casas das patroas. Era Mércia quem escrevia o rol diante das patroas, enquanto contavam as peças. Aquela criaturinha miúda aprendera a ler e a escrever sozinha, embora sua mãe fosse analfabeta.

- Uma camisa de homem listrada, uma bermuda de brim azul, uma blusa com gola de botão verde...

As senhoras ficavam impressionadas com a capacidade da menina, principalmente quando descobriam que ela tinha aprendido sozinha.

Sua facilidade com o aprendizado rendeu-lhe uma boa educação. Débora, uma das patroas mais generosa de Dona Guiomar, tomou a menina para criar. Deu-lhe escola, roupas, remédios... criou-a junto com seus três filhos: duas meninas e um menino. Mércia ficou com eles até os dezenove anos, quando Débora morreu. Ela, então, resolveu voltar para casa e ficar com sua mãe.

Precisava trabalhar para ajudar a mãe, que, já com idade avançada, tinha muitas limitações físicas: diabetes e pressão alta.

Munida de currículos e do seu certificado de técnica ambiental percorria a cidade em busca de vagas de jornais. Nada conseguia.

Entregava-se constantemente aos seus devaneios. Eram eles que a reconfortavam de fato. Indagava tudo o que podia, vasculhava-se exaustivamente e nada encontrava. Cansava.

Lera num livro que uma mulher com a vida mais complicada que a dela morrera atropelada. Sonhava com isso todas as noites. Em seus devaneios, era a mulher do livro.